

Je vous Salue Marie: um filme cheio de graça

Annie Goldmann

Tradução: Mário Laranjeira

O perfume de escândalo que cercou o lançamento do filme de Godard obscureceu o seu verdadeiro significado. Considerado sacrílego por alguns, incompreensível por outros, a polêmica ocultou a profunda espiritualidade, evidente, entretanto, desta obra. Como sempre, Godard surpreende ao mesmo tempo pela novidade de sua abordagem, pela forma original e pela audácia da mensagem.

Diante do mistério da natividade de Jesus, Godard simplesmente perguntou a si mesmo: como contar essa *história* em nossa modernidade? Como contar um acontecimento tão *extraordinário* que se deu a 2 mil anos e que é o fundamento de fé de milhões de indivíduos no mundo e, principalmente, como contá-lo em função dos modos modernos de comunicação?

Enquanto Pasolini, com *O Evangelho segundo São Mateus*, permanece no registro são-sulpiciano da reconstituição histórica e da mensagem tradicional cristã, Godard tenta dela fazer a narrativa como se estivesse se dirigindo a crianças da nossa época, habituadas com os heróis das séries televisionadas e com a leitura das histórias em quadrinhos. É por isso que transpõe o *maravilhoso cristão* para o mundo imaginário de hoje, mistura de Pieds Nickelés e de Star Trek. Em vez de um anjo do outro mundo, Gabriel é um homem comum, que viaja de avião; já não é só e seráfico, mas pragmático e acompanhado por uma garota maliciosa, como a heróina de *Alice no País das Maravilhas*; a estrela dos Reis Magos é substituída pela bandeirinha de um carro-socorro; Maria é filha de um frentista e membro de um time de basquete, e José é motorista de táxi... Gente simples, comum, exatamente como eram os pais de Jesus no tempo de Herodes. O lugar já não é o campo primitivo, mas a cidade com as suas atividades – o trabalho de José, as relações humanas, as relações difíceis entre os homens e as mulheres, uma cidade alheia aos mistérios da fé, onde Maria vai encontrar-se sozinha para enfrentar o seu destino em meio à indiferença e ao ceticismo que caracterizam o mundo moderno. Esta opção de atualizar o acontecimento tem por função recolocar a problemática da mensagem cristã no mundo de hoje e não mais relegá-la ao museu imobilizado da instituição religiosa; os cartões repetitivos e insistentes *Naquele tempo* servem para marcar, ao mesmo tempo, a intemporalidade e a contemporaneidade do acontecimento. Ao transportar rigorosamente a natividade para o mundo atual, Godard atualiza por isso mesmo a mensagem milenar e lhe confere perenidade.

Eis por que as duas personagens principais estão bem situadas em sua época e vivem os conflitos de um casal moderno: José tem um caso com outra mulher e Maria duvida do seu amor.

Entretanto, de acordo com a tradição, Maria é jovem, inocente e virgem. Diante da incapacidade da ciência para explicar a sua milagrosa fecundação, a moça vai aceitando pouco a pouco o inacreditável por caminhos outros que não os da razão. Como imaginar, em nossa época, semelhante acontecimento e como fazê-lo aceitar aos outros? A princípio há a expectativa: a jovem espera algo de extraordinário: “Indagava-me se algum fato notável ia acontecer na minha vida” pois, contrariamente aos homens, “todas as mulheres desejam algu-

ma coisa que seja única neste mundo”. Em seguida, após a Anunciação, ela vai aos poucos assumindo o seu destino e descobrindo uma outra dimensão na vida, uma dimensão secreta que não pode partilhar com ninguém, porque cada um deve fazer a sua própria descoberta da espiritualidade. “Quero que a alma seja corpo e não se poderá dizer que o corpo é alma (...) Não mais haverá sexualidade em mim, conhecerei o discurso verdadeiro da alma.” Mas Maria é feita de carne humana, tem desejos de mulher e a castidade que se impõe lhe pesa. Nua na cama, vê-se a braços com o desejo, como todas as mulheres; e trava um combate desgastante contra a tentação; daí as alusões à masturbação recusada, que são talvez chocantes, mas que se inscrevem perfeitamente no projeto godardiano de tornar viva e credível a personagem. Tais tentações não empanam a espiritualidade de Maria, ao contrário, é pelo combate contra si mesma que atinge o mistério do espírito e se eleva em relação aos outros. Se tudo lhe fosse dado, se tudo lhe fosse fácil, o seu mérito seria menor. A sua ascese não está definitivamente adquirida, é o resultado de um esforço sobre a carne, sobre a vida cotidiana. Godard transgrediu a imagem tradicionalmente passiva de Maria, simples receptáculo da Palavra, simples instrumento da Divindade, para lhe dar uma consciência, uma elevação pessoal que a coloca acima de todos os outros. Ela adquire, enquanto mulher, uma verdadeira granteza; ela é *cheia de graça*.



Jorge Araujo – Agência Folhas

Para dar ao acontecimento uma significação ainda maior, Godard o liga ao cosmos. Maria está sozinha no meio dos seres humanos. “Há muito tempo não sei o que é uma conversação comum (...) Eu quisera falar como toda gente.” – mas o universo inteiro participa da gestação miraculosa, os elementos e os astros – a lua, principalmente, astro feminino por excelência – acompanham-na; pela janela entreaberta do quarto, durante as noites solitárias e as sextas abradoras, são os seus únicos confidentes, testemunhas protetoras do seu ventre que se arredonda; o vento, a água, os campos estão no segredo que os homens ignoram. Maria está próxima do cosmos em movimento que, como Jesus, é criado por Deus. Mesmo o homem de ciência, o professor que tenta explicar aos seus alunos as leis da criação, acaba por admitir que um grande computador com uma inteligência fabulosa é o único ser que pode estar na origem da complexidade do universo. “A vida foi fruto de uma vontade, desejada, prevista, ordenada por uma inteligência resoluta.” A intervenção divina se dá em todos os níveis: no da criação e no da revelação através do menino que vai nascer¹. Há

¹ Trata-se, bem-entendido, de uma análise do filme e não das minhas posições pessoais.

um paralelo voluntário entre a fé de Maria e a ciência que é incapaz de explicar racionalmente a origem da vida. Numa síntese ousada, Godard remete o nascimento de Jesus à grande questão do Princípio.

Longe de ser o ancião passivo da tradição cristã, José é um homem jovem, ardente (tem uma amante), materialista, sem ideal, que recusa obstinadamente a renunciar aos seus *direitos* sobre Maria. Será necessária a intervenção truculenta de Gabriel, que mais parece um executor de quadrilha do que um enviado angélico, para obrigá-lo a isso. A sua incompreensão não é senão um paradigma da incomunicabilidade do casal moderno e do egoísmo masculino. Durante algum tempo ele cultiva uma dupla relação amorosa, exatamente como o professor que rompe brutalmente com a sua jovem amante para manter o próprio conforto. O amor que José tem por Maria é *a sombra da sombra*, prisioneiro do ciúme, furioso por ser excluído, *ele quer entender tudo, esquece a confiança, como os outros. Usa óculos de cego*. Também ele terá de percorrer o seu caminho pessoal para descobrir em si o verdadeiro amor e aceitar Maria em sua diferença, para acreditar, também ele, que *o espírito age sobre o corpo* e não o contrário.

A segunda parte do filme, mais rápida, esboça o destino do menino, mas sobretudo a evolução de Maria alguns anos após o acontecimento *tão grande que tudo é consumido*. O que nos mostra Godard é um casal banal, um marido autoritário e um garotinho voluntarioso, mimado pela mãe. Na realidade, Maria conhece o destino de seu filho; longe de se opor a ele, entrega-lhe o menino, como se esse destino não mais lhe dissesse respeito. O gesto da criança explorando-lhe o corpo por debaixo do vestido não é obscenidade, mas o último vestígio da ligação extraordinária que existiu entre o seu corpo e o seu filho, ligação única de que José está excluído.

Como acontece com freqüência nos filmes de Godard, a mulher é dotada de um poder de adivinhação, de um instinto de que o homem é desprovido e, nesse sentido, este filme é uma homenagem à glória da mulher. “Sempre me indaguei o que é que se sabe de uma mulher (...) há um mistério.” Mas o mundo em que vivemos já não percebe esse segredo e é muito duro carregá-lo na solidão. Maria, como todos nós, esqueceu; negligenciou as recomendações da pequena acompanhante de Gabriel:

“Maria, seja dura, seja pura, siga apenas o seu caminho. Não esqueça”.



Ela voltou a ser uma mulher como as outras, que caminha pelas ruas da sua cidade, dirige o carro e se pinta. Perdeu a sua inocência e pureza. Eis por que, quando Gabriel cruza com ela por acaso e a interpela: “Ave, Maria”, a lembrança da extraordinária missão de que fora investida e que abandonou lhe aflora à mente por um instante; um véu de nostalgia e de melancolia – de culpa talvez – enrijece-lhe o rosto maquilado. Uma hesitação e... o batom se esmaga sobre a boca aberta, buraco negro, obsceno, mudo sobre o que foi e não mais será. Não haverá *Mater Dolorosa* nem *Rainha do Céu*; resta uma mulher comum que se juntou à materialidade do mundo. “Eu, sou algo como virgem, e nunca quis ser nada disso.”



Para contar esta história moderna, Godard utiliza uma linguagem moderna, aquela que uma criança de nossos dias conhece. O filme está construído em tomadas fixas, como figuras de história em quadrinhos bem enquadradas, legíveis, entrecortadas de cenas paralelas que fazem alternar os dois universos, o de Maria, que *sabe*, e o dos *outros*. Aí tem cabimento o humor, as personagens estão muito próximas dos estereótipos das histórias em quadrinhos, como o anjo Gabriel, desajeitado e violento, moderado pela mocinha (“Não, não, tio Gabriel, você está se enganando de texto.”). É o universo infantil que Godard tenta reencontrar, desembaraçado de toda hagiografia². Mas a conclusão permanece amarga: a oportunidade dada à humanidade foi perdida e esquecemos que ela nos foi dada.

² Em dois lugares, entretanto, ele parece fazer concessões à imaginária tradicional: quando do nascimento de Jesus, algumas tomadas de neve, de uma vaca e de um jumento inserem-se artificialmente, e quando o rapazola atribui aos seus companheiros de brincadeiras os nomes de seus futuros discípulos. Por outro lado, a frase “Eu sou aquele que é.” pronunciada pelo menino parece uma interpretação abusiva, tendo sido dirigida por Deus a Moisés e certamente não por Jesus.

Annie Goldmann é diretora de pesquisas na École des Hautes Études en Sciences Sociales (França) e participante de dois Cafés Acadêmicos no IEA em 1988.